
“2000 NORDESTES” NORDESTE DE CULTURAS HÍBRIDAS

ROSILENE DIAS MONTENEGRO

Professora Dr.^a de História
Universidade Federal de Campina Grande
rosilenedm@hotmail.com

TÚLIO AUGUSTO PAZ E ALBUQUERQUE

Graduado em História e Mestrando em Desenvolvimento Regional
Universidade Estadual da Paraíba/PROCAD - PUCPR
tulioaugustopaz@hotmail.com

O filme documentário “2000 nordestes”, dirigido e lançado em 2000, por Vicente Amorim e David França, produzido pela L.C. Barreto, ganhou o selo pela qualidade do conteúdo da UNESCO, foi um dos quatro indicados ao prêmio da Academia Brasileira de Cinema em 2002, ganhou o prêmio de melhor filme documentário no Festival Brasileiro de Miami em 2001 entre outros prêmios, retrata na simplicidade das gravações, feitas por câmera de mão (mini DV VX1000) a espontaneidade dos entrevistados ao contar em suas histórias, relatos de vida, lembranças, e opiniões sobre o clima, a política da região, a saúde, além de soluções encontradas em busca de uma melhor qualidade de vida.

Nesse documentário há constantemente a presença de depoimentos, relatos, imagens, sobre a cultura popular e a cultura de massas, envolvidos nos discursos da modernidade. Isto constata uma constante integração entre o tradicional e o moderno, e como o moderno influencia no tradicional. “Havia um desejo de atualizar a imagem que temos do Nordeste sem paternalizar ou folclorizar o nordestino.” (AMORIM, Vicente - 2000) “Quem assistir “2000 Nordestes” vai descobrir as coisas como a gente descobriu, meio casualmente. Acho que esse jeito de “percurso” foi passado para o filme. O documentário apresenta uma variedade de tipos e de opiniões, e o nome é uma síntese dessa multiplicidade.” (FRANÇA, David – 2000)

Como podemos perceber pelos discursos dos diretores, em uma entrevista a eles feitos pelo sítio webcine (<http://www.webcine.com.br/notaspro/np2000no.htm>), esses diretores queriam demonstrar, a partir das imagens selecionadas e apresentadas uma síntese da multiplicidade que é o Nordeste. Quem poderá hoje chegar a dizer o que é o Nordeste e o que ele não é? Não podemos discordar das realidades mostradas em filmes

sobre o Nordeste, por outro lado, também não podemos achar que o Nordeste seja apenas o que foi mostrado. É nessa perspectiva que o presente artigo pretende analisar, a partir do historiador Durval de Albuquerque jr. em sua obra “A invenção do nordeste” e do antropólogo Garcia Canclini, em “Culturas Híbridas”, e fazer reflexões sobre o que ele denomina de “Hibridação cultural” nos países latino-americanos. Analisando o filme “2000 Nordeste”, perceberemos como são complexas as relações feitas na história do presente: o antigo, as tradições culturais interagindo com a modernidade, e com os projetos modernizantes que ainda estão em curso na América latina assim como no nordeste brasileiro. Nessa perspectiva, perceberemos o Nordeste sem estrutura, competindo com o Sul industrializado, assim como a cultura popular regional com uma cultura dita nacional, e de massas. Por que podemos dizer que o nordeste tem tudo a ver com culturas híbridas? Por que essa hibridação também acontece no nordeste brasileiro? Como perceber isto através de uma análise fílmica? Nosso principal objetivo é: refletir sobre a invenção do nordeste a partir das culturas híbridas presentes no filme documentário “2000 Nordestes”, e como objetivos secundários: entender como as “culturas híbridas” interagem e como também colaborar com as discussões sobre análise fílmica e história regional.

O termo hibridação é utilizado pelo autor “Porque abrange diversas mesclas interculturais – não apenas as raciais, às quais costuma limitar-se o termo “mestiçagem” – e porque permite incluir as formas modernas de hibridação melhor do que “sincretismo”, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais.” (CANCLINI, 2006. p.19)

Esse conceito de “Hibridação” trabalhado por Canclini pode ser associado para explicar a invenção do Nordeste, ou o que podemos chamar de nordestes, se o percebemos sem uma demarcação regional, ou mesmo como uma cultura fixa. É nessa perspectiva de leitura, e de análise do filme “2000 Nordestes” que adentraremos no Nordeste, não necessariamente descrevendo/mostrando a região Nordeste, como também podemos ver a representação do nordeste nas favelas do Rio de Janeiro, nas construções civis em São Paulo, no terceiro setor em São Paulo e no Rio de Janeiro, e boa parte do filme passa-se na região Nordeste. O filme retrata o interior e litoral do Nordeste, o Nordeste de negatividade e o Nordeste de positividade.

O Nordeste negativo é visto com uma preocupação evidente da seca, da falta de emprego, sem projetos de desenvolvimento para a região, sem perspectiva de vida, o nordestino com a vontade de fugir para outras cidades ou da própria vida, com um relato de um filho sobre o pai que suicidou. Em meios aos depoimentos, cenas de filmes que retratam o nordeste negativo, surgem flash dos filmes “Deus e o diabo na terra do sol”, de Glauber Rocha e “Vidas Secas”, de Nelson pereira dos Santos, conforme vemos nos seguintes trechos:

“É muito difícil viu, porque principalmente agora nessa seca né, que a gente tamo, tudo é difícil, água, tudo, tudo é difícil aqui pra gente. Uma seca dessa aí. Quando dar inverno não, é até mais ou menos porque a gente pranta lucra né. A gente vive mais ou menos. Agora num ano seco desse é o seguinte todo mundo veve agoniado com a seca.” (...) “Chuva pouca não gera serviço nas fazenda” (...) “Atualmente estou desempregado” (...) “tow parada” (...) “A crise financeira, todo mundo aperriado, aquele lugar não tá dando pra ele, ele fazer agir onde tá o dia, procurar outro canto” “Eu quero sair daqui com medo de morrer, se a casa cair eu vou morrer, dinheiro não tem pra sair. Eu me sustento em oração, senhor toma conta de mim, toma conta da minha casa” (...) “Quando hoje eu vejo aquele sofrimento que passa na televisão, o pessoal passando fome, se eu tivesse lá tava do mesmo jeito” (...) “No ano 2000 eu quero morrer.” (...) “Daqui pra frente a gente não espera mais nada de bom não.” (...) “Eu sai de ilhéus por causa de que, Ilhéus é uma região, foi uma região muito boa, mas a região de Ilhéus se acabou, a região cacauera acabou, então hoje todo investimento vem pra Porto Seguro, que bem aprovado seria, os turistas é quem trás toda riqueza pra Porto Seguro.” (Depoimentos, do filme “2000 Nordestes”)

“Meu nome é Leandro, tenho 13, só tomo conta de carro, só faço tomar conta de carro e mais nada, não estudo não, não estudo porque não tenho meu pai, eu sou precisado, minha mãe é doente não trabalha, tenho meus irmãos pequenos, a única coisa que faço aqui é tomar conta de carro, tenho irmão mais velho mas não trabalha só toma conta de carro também. Meu pai morreu enforcado, ele tinha tomado três queda, a primeira queda foi do pé de dendê, a outra foi de bicicleta, ele enfraqueceu a mente, colocou sangue no cérebro, enfraqueceu, não tinha mais jeito a mente dele tava fraca ele se enforcou, eu tinha 10 anos quando ele se enforcou” (...) “eu não gosto muito de música não, ir pra festa assim, trio, mas não saio não, dia de domingo de sábado eu não saio não, pra boate nenhuma. (...) eu penso a vida eles não. Meus irmão mais velho o dinheiro que ele ganha aqui é só pra bestar, gastar com cerveja, ele mesmo já foi furado de faca, num pensa a vida. (...) O que eu faço com meu dinheiro eu dou a minha mãe, pra ela comprar as coisas que precisa dentro de casa.” (Depoimento de Leandro – “2000 Nordestes”)

Já no Nordeste positivo, há relatos de dificuldade de vida, problemas para arrumar emprego, mas que mesmo assim o nordestino ama onde mora, quer passar o resto de sua vida na terra, gosta do forró, das músicas, das pessoas, dentro dessa

positividade constatamos dois pontos bem evidentes no documentário, um é a religiosidade, o outro é percebido quando os diretores mostram o litoral nordestino: há um discurso positivo sobre o nordeste, sobre como as pessoas vivem; há relatos de pessoas de outros estados que vieram morar no Nordeste, com cenas filmadas em Porto Seguro, Bahia. Mesmo assim, o discurso sobre o Nordeste ainda não é uniforme, há discursos plurais de vários significados e nas diversas localidades em que o filme é gravado, como podemos visualizar em alguns depoimentos de nordestinos transcritos do filme “2000 nordestes” abaixo:

“Aqui no nosso nordeste a gente samu muito sofrido, mas pelo menos a gente tem mais uma liberdade, a gente sai daqui a noite vai pra qualquer canto” (...) “Com todo sofrimento aqui é melhor do que lá” (...) “Os meus filhos são nascido em São Paulo mais são nordestinos” (...) “Eu sou nordestino mais não falo mal de São Paulo” (...) “Não tenho nenhuma vontade de morar lá em São Paulo” (...) “Já passei dois anos em São Paulo, mas não gostei de lá por causa do frio ai vim embora. Meu lugar é aqui” (...) “Meio estressado da cidade, muita gente São Paulo, muita correria tal, quis dar um relaxe, vim pra passear, curtir uns dias e no caso assistir a copa, né? Ai passou a copa, passou o réveillon, passou o carnaval, vai passar de novo mais um réveillon, vou pros 500 anos porque a terra aqui ainda propõe muita coisa boa ainda” (...) Sou de Porto Alegre, Rio Grande do Sul vim pra Porto Seguro em 87, cheguei aqui e gostei, ai comecei a me adaptar, fui me acostumando com a cidade” (...) “Aqui você se ambienta muito rápido, entendeu? É uma situação que você se torna, vai, nativo, eh em questão deee ah vai dias vai se você passa até uma hora se for o caso” (...) “O pessoal que vem de fora é um pessoal humilde, outros que vem de lá pra cá com o seu dinheiro na mão, pra fazer sua apricação, outra já bota uma lanchonete, outro bota um restaurante, outros vão fazer pousada, é pessoas mesmo que vem de fora, mas com seu trocadinho, pra apricar aqui dentro, porque sabe que aqui dentro é onde se encontra, toda a apricação, onde é a riqueza melhor mesmo para nós é Porto Seguro.” (...) “A gente bate uma peladinha de 5h da manhã até as 7h” (...) “Depois a gente começa a comer e beber até quando acabar.” (...) “Quando a gente não vai pra praia, a gente fica por aqui, toma uma cervejinha, tá entendendo né? E fica somente, bate uma peladinha, e se divertindo aí.” (...) Minha diversão é a Igreja, clamar o nosso Deus que é o poderoso. né?” (...) “Minha diversão é pegar um bocado de dominó e brincar de dominó naquilo ali eu to me distraindo.” (...) “Gosto de dança, gosto de festa, adoro pagode, tá entendendo? É o meu lazer é o pagode.” (...) “Minhas fitas toda ela é de forró mesmo, eu dou tudo pelo um forró” (...) “O que mais gosto de fazer quando tow em casa é ouvir rádio, que eu gosto muito de dançar.” (...) “eu danço brega, labareda, todos tipo de brega.” (...) “falar a verdade, as minhas músicas que eu gosto não são nacional, pra ser brasileiro eu gosto de música internacional, gosto de Elton John, musica assim nesse estilo, essas músicas brasileiras, inclusive esses bregas que existem aqui eu não sou contra, mas acontece o seguinte se você tem um probleminha, você chega na porta do boteco começa a beber, começa a relembrar passado e vai tornando o copo e vai o salário do mês e da semana e não leva nada pra casa (risos).” (...) “Adoro Xuxa, porque ela é uma pessoa especial, minha vontade é conhecer Xuxa, junto assim eu e ela.” (...) “A gente podendo né? É bom ter uma no quarto, uma na sala, as vezes eu boto até a pequenininha, tenho uma

pequeninha ali, televisão.” (...) “Meu sonho é ser pediatra, adoro criança, gosto muito de criança.” (Depoimentos diversos de crianças, adultos, jovens, idosos presentes no filme “2000 nordestes”)

É nessa pluralidade de depoimentos e relatos que percebemos o quão a hibridação cultural se faz presente no nordeste, assim como em todo o Brasil. Essa mistura que em alguns filmes é estereotipada, neste filme há uma ampliação de conceito do que seja Nordeste. Nesse caso, Nordeste não apenas como território, mas como lugar da saudade, da vida, lugar de tradição, mas também de modernidades. Além dos diálogos podemos visualizar paisagens de secas, assim como paisagem de belíssimas praias, há uma diversidade de discursos cíclicos, imagens de vários ângulos e estilos.

Em meio há tantos relatos, fica evidente a falta da presença de pessoas de outras classes sociais, ao contrário, há a presença maciça das classes populares, o que não se torna um erro grotesco, visto que a maioria da população da região nordeste é residente destas classes, mas fica a falta de outras vozes sociais como por exemplo, relatos de empresários, pessoas das classes mais altas mesmo sabendo da dificuldade que seria incluir muitas as vozes num vídeo documentário de uma hora de exibição.

Através de artigos e livros de Durval Muniz de Albuquerque jr., constatamos que ele não apresenta o nordeste trabalhando este conceito de hibridação cultural de Canclini, mas de um entrelaçamento, de raças, culturas, que se assemelham em essência no conceito. Albuquerque jr. percebe que há um território chamado norte, e que o nordeste se institucionaliza como o território das secas do antigo norte. Este território é denominado “Saudade”, de modo tal que essa separação do antigo norte, fez uma parcela de sua população rejeitar os discursos nacionalistas promovidos pelo sul em prol de um discurso regional que busca impor como nacionais.

“Na produção literária brasileira, o regionalismo já se manifesta, pelo menos desde as décadas de cinquenta e sessenta do século XX, quando o realismo paisagístico dá lugar, diríamos, a um “paisagismo histórico”, em que a simples descrição do Brasil como um conjunto de paisagens atemporais dá lugar a uma visão genealógica das diversas áreas do país e de sua população, mais precisamente de suas “elites.” Emerge o narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas províncias e das parentelas dominantes da produção artístico-cultural do país. Um regionalismo que, após a proclamação da república, passa a se expressar cada vez mais sob o disfarce do nacionalismo. São visões e interpretações regionalistas que buscam se impor como nacionais, e cujo embate é muito pouco estudado, porque, durante muito tempo, se deu a maior ênfase a outros tipos de segmentação, como de classe, de ideologia, de escolas de arte e

estilos artísticos, ou mesmo à relação entre intelectuais e estado, já que este era pensado como o poder, não se alterando para estas relações de poder menores, na sociedade” (ALBUQUERQUE JR. 1999, p.51).

A região que é convocada a partir de práticas discursivas e dispositivos de significações a ocupar a imagem da periferia, da não “importância” nas relações econômicas e políticas do país, e isto leva seus habitantes a ocupar o lugar de marginais da cultura nacional.

Inventa-se o Nordeste também a partir do saudosismo do antigo Norte, sentimento que cria muitas imagens para o Nordeste, imagens que foram e que não existem mais nesse momento. Inventa-se em meio às diferentes formas de se configurar e perceber as diversas áreas do país, com as mudanças econômicas, com a urbanização e industrialização do centro-sul.

Para o autor, e em parte apresentada no filme “2000 nordestes”, as imagens criadas para o Nordeste a partir do saudosismo, encerram, por exemplo, São Paulo como uma área diferenciada do restante do país, com seus novos códigos sociais e culturais, em parte trazidos pela influência modernista. Quando arroladas as comparações regionais, o Nordeste passa, nesse momento, a ser representado como uma região da tradição e do atraso: dependente economicamente e tecnologicamente de outras áreas do país, dependente de mão-de-obra, já que a escravatura formalmente havia acabado nesse momento (primeiras décadas do século XX), e um modelo de nordestino começa a emergir, o homem valente que enfrenta seca, e dar vida a sua prole.

“O próprio desenvolvimento da imprensa e a curiosidade nacionalista de conhecer “realmente” o país fazem com que os jornais realmente encham-se de notas de viagem a uma ou outra área do país, desde a década de vinte até a de quarenta. O que chama a atenção é exatamente os costumes “bizarros” e “simpáticos” do Norte ou “estrangeiros e arrivistas” do sul. Esses relatos fundam uma tradição, que é tomar o espaço de onde se fala como ponto de referência, como centro do país. Tomar seus “costumes” como os costumes nacionais e tomar os costumes nacionais das outras áreas como regionais, como estranhos. São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife se colocam como centro distribuidor de sentido em nível nacional. As “diferenças” e “bizarrias” das outras áreas são marcadas com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz. (ALBUQUERQUE JR. 1999, p.42).

O tipo de pensamento naturalista, que também vai ser nesse momento um dos principais construtores do discurso que pretende dar visibilidade ao Nordeste homogêneo, permeou o discurso de alguns segmentos da sociedade brasileira. Por

exemplo, o discurso dos jornalistas de “O Estado de S. Paulo”, visibilizaram a sociedade nordestina como “raça” inferior, fanática religiosamente, terra de banditismo e assim ajudando a definir essas características como signos definidores dessa região. Apoiavam-se, esses jornalistas, na teoria naturalista, a qual afirma que o meio e a raça faz com que essa região seja naturalmente inferior a outras, e assim estar condenada à inferioridade eterna. O que não se questionou foi o fato de como podia tal povo ser a base de construção de uma nação? Os discursos acabaram por fundar, afirma o autor, dois mundos (regiões): um mundo a partir do encanto onde tudo é belo, e outro marcado pelo caos.

Assim como nos afirma Albuquerque Jr. o Jornal O Estado de S. Paulo depois de ter publicado uma série de artigos intitulados “impressões do Nordeste”, inicia outra série intitulada impressões de São Paulo. A estratégia era demonstrar a superioridade de São Paulo e de sua população, formada por elementos europeus.

“São Paulo aparece como um espaço vazio que teria sido preenchido por populações européias. Assim, a escravidão e os negros parece não ter aí existido; os índios e os mestiços menos ainda. São Paulo e todos paulistas seriam europeus: “Eles chegaram do atlântico, radicaram-se na terra fértil, fizeram o seu engrandecimento e muitos, a própria abastança”. (ALBUQUERQUE JR. 1999, p.44).

Segundo Durval Muniz, o discurso regionalista surge na segunda metade do século XIX à medida que se dava a construção da nação e que a centralização política do império ia conseguindo se impor sobre a dispersão anterior. Através das práticas discursivas, vão se clareando várias práticas de alguns espaços e burlando outras segundo os interesses os que dão visibilidade a essas práticas, tendendo a diferenciar os espaços, onde quaisquer que seja venham a ocupar.

“a escolha de elementos como o cangaço, o messianismo, o coronelismo para temas definidores do Nordeste, se faz em meio à multiplicidade de outros fatos, que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma outra cara a região” (ALBUQUERQUE JR. 1999, p.49).

O movimento modernista, “tentando” condenar o regionalismo naturalista, pretendeu integrar o elemento regional a uma estética nacional, condenando as atitudes regionalistas. Para tanto, ele também aplicou, por exemplo, ao Rio de Janeiro uma ação

regionalista, como ao Nordeste, pois era o centro cultural do país. Fica explícito que a intenção, nessa ofensiva modernista contra o regionalismo é a estratégia política de unificação do espaço cultural do país a partir de São Paulo e da linguagem e visão modernista.

Canclini deixa pistas quando fala que: “Os movimentos modernistas surgem na Europa continental, não onde ocorrem transformações modernizadoras estruturais, diz Anderson, mas onde existem conjunturas complexas.” (CANCLINI. 2006, p.72) Deixando claro que os países latino-americanos seriam palcos favoráveis a terem estes tipos de movimentos, pois tinham:

“Um passado clássico ainda utilizável, um presente técnico ainda indeterminado e um futuro político ainda imprevisível [...] Surgiu na intersecção de uma ordem semi-aristocrática, uma economia capitalista semi-industrializada e um movimento operário semi-emergente.” (CANCLINI, 2006. p. 73)

Já havia desde o final do século XIX uma diferenciação dada entre Norte e Sul, através do discurso naturalista, onde se elegeu o Sul como a civilização branca e desenvolvida, e se convoca, nesse mesmo momento, o Norte para dá espaço a uma civilização mestiça, negra e inferior psicologicamente. É analisando esses trechos que percebemos a aproximação evidente entre Albuquerque Jr. e Canclini Sobre esse fato, Albuquerque Júnior observa, por exemplo, que:

“Para Viana, o destino do Norte era ficar cada vez mais subordinado à influência dominante dos grandes campos de atração do sul. Os elementos mais “eugênicos” do Norte, capazes de enfrentar as novas condições sociais que surgiam no sul, tendiam a migrar, drenando para esta área os mais ousados, ativos, ambiciosos e enérgicos. Na área setentrional do país ficariam apenas os degenerados raciais e sociais.” (ALBUQUERQUE JR. 1999. p. 7).

Segundo a antropogeografia e biotipologia, o clima quente/tropical, condenava a raça a uma contínua manutenção dos elementos negros e mestiços, sendo os trópicos inóspitos, e inadequados para desenvolver-se uma civilização e muito mais inadequado, negros e mestiços a guiar essa civilização.

Essa justificativa do meio se torna uma arma muito usada pelo discurso da política regional do Norte. Exemplo disto, percebemos que a seca é descoberta em 1877 como uma fábrica de receber recursos. Seca essa que, depois de descoberta como dispositivo que despertava a piedade e emoção, em alguns segmentos sociais de outras

regiões, servia de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no estado etc. Sendo assim, para o autor, o discurso da seca passou a ser uma atividade lucrativa nos Estados do Norte:

“Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua calamidade: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídas à seca, e o apelo por sua “solução” torna-se um dos principais temas dos discursos regionais.” (ALBUQUERQUE JR. 1999, p. 58).

Assim, é importante (des)naturalizar a região Nordeste, já que essa surge, no final da década de dez do século XX, substituindo a divisão Norte e Sul do país. E mais, essa região foi fundada na saudade, saudosismo ao antigo, agrário, a simplicidade e na tradição social/cultural. É a multiplicidade de vidas, histórias, práticas e costumes no que atualmente chamamos de Nordeste, que vem se apagando durante esse processo de significação imagético-discursivo.

A palavra Nordeste, de início, é usada para designar a área de atuação da inspetoria Federal de obras contra as secas (IFOCS), criada em 1919. Sendo assim, o Nordeste surge como a parte do Norte que estava vulnerável à seca e, por conseguinte, merecia a atenção do poder público federal. Percebemos que, desde 1877, a grande seca veio instituir-se como problema e produto mais referente e importante dessa área, e logo, mantém região e condição natural uma estreita relação. Para Albuquerque Júnior:

“O Nordeste é em grande medida filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma série de imagens e textos, produzidos a respeito deste fenômeno”, sendo “esses discursos bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país.” (ALBUQUERQUE JR. 1999, p.68).

O Nordeste foi criado a partir de interesses. Essa região foi bombardeada por mecanismos de poderes, de saberes. A opção pela tradição, por um passado, mesmo esse estando em crise, faz assim o nordestino optar pela miséria, pela constância, apoiando as mesmas oligarquias agrárias, que pouco faz para modificar sua realidade, quando faz, privilegia o seu grupo e apadrinhados políticos, custando muito caro para a região, já que o retardamento se processa até hoje em vários aspectos sociais.

Exemplo disso ocorre quando ligamos a TV, às vinte horas, e assistimos a um Jornal local, regional, que se passa no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas é significado como noticiários nacionais. Entretanto o que nos leva a pensar que as informações apresentadas/ relatadas nessas cidades são nacionais? Vamos ao cinema e encontramos um cartaz de um filme cuja história se desenrola no sudeste, e esse mesmo filme é intitulado de cinema nacional.

Um mês depois, voltamos ao cinema e está em cartaz um outro filme cuja história se desenrola em um determinado espaço do Nordeste, e esse filme é intitulado Cinema Regional.

Não estamos querendo dar a conotação de que só o Sudeste constrói o Nordeste, por outro lado, estamos tentando mostrar com base me Albuquerque Jr. que essas práticas discursivas que dão significados marginais são construídas pelas duas regiões, como nos apontam sempre os significados que são dados a São Paulo como uma cidade urbana e moderna, camuflando através do discurso sua tradição como a realidade do campo, por exemplo, enquanto o Nordeste recebe outros significados nessa dinâmica discursiva, nada modernas ou progressistas. Nesse sentido, o Nordeste é quase sempre configurado como o inverso desse paraíso secreto, representado com o espaço inerte, bucólico, sinônimo de atraso e castigo:

“Este [o Nordeste] é quase sempre pensado como região rural, em que as cidades, mesmo sendo desde longa data algumas das maiores do país, são totalmente negligenciadas, seja na produção artística, seja na produção científica. As cidades nordestinas, quando tematizadas, parecem ter parado no período colonial, são abordadas como cidades folclóricas, alegres, cheias de luz e arquitetura barroca. Já São Paulo é vista como uma cidade que passou do burgo pobre, feio, triste sem luz do período colonial, para a cidade moderna, rica, movimentada multicolorida, polifônica e cheia de luminosidades contemporâneas. (ALBUQUERQUE JR. 1999. p. 104).

São “cristalizados” estereótipos que instituem uma verdade que ofusca a multiplicidade de práticas, falas e das imagens regionais, e assim se ergueu algumas imagens limitadas, algumas falas-clichês, que são a todo o momento ratificadas, através da repetição da mídia, das artes, do cinema e dos habitantes, tanto da região como de outras áreas do país, pois, nos aponta Albuquerque Júnior, não existe uma essência nordestina, ou brasileira:

“Não existe um modo de ser Nordestino ou um estilo brasileiro, a não ser que se tome a identidade pelo negativo, ou seja, o que identificaria o Brasil ou o nordeste seria a coexistência de diferentes modos de ser, de diferentes estilos de viver, a enorme fissura entre as classes, as diferenças culturais acentuadas, até dentro das mesmas classes; seriam sociedades que se identificariam pela variedade das formas de fazer as coisas. Mas, acontece que esta variedade não é característica do Brasil ou do nordeste, é da humanidade.” (ALBUQUERQUE JR. 1999, p. 307).

O discurso é um dispositivo que significa os espaços e os indivíduos, e assim estabelecem as fronteiras as quais definem quem nós somos, fundamentando a identidade. Assim, ao longo desse capítulo nos propomos a pensar o Nordeste como invenção, como construção, construção não só dos sulistas como já foi apresentado, como também das oligarquias nordestinas em ratificar este discurso em prol de arrebanhar mais verbas, para políticas contra seca, instalação de institutos, como a antiga SUDENE, que hoje tenta se reerguer depois de descasos e denúncias de corrupção no órgão, a criação recentemente da INSA (Instituto Nacional do Semi-Árido), o estereótipo de nordestino que se cria ainda hoje, dependendo do lugar que vem o discurso, tem três significados distintos: o saudosismo do antigo Norte rural/agrário, mensagem preconceituosa/racista, assim como uma mensagem política em favor de arrebanhar mais recursos para a criação/manutenção das instituições. Esta última procurando desenvolver o Nordeste, mas também poderia e poderá funcionar como cabide de empregos, promoção de políticos para se estabelecerem no poder.

Desta forma, este artigo pretendeu ser mais um mecanismo intencionado a (des)construir essa imagem-discursiva monológica sobre a região Nordeste, tendo como base um documentário premiado pela UNESCO “2000 nordeste” que nos deu margem a perceber que é possível a construção de filmes que apresentam ver outras leituras acerca do nordeste brasileiro, já que há algum tempo ela vem se construindo em apenas uma representação a da negatividade. Sabemos que não será fácil abandonar esse discurso, visto que ele está impregnado no imaginário social da “região”, mas que, com esse trabalho, objetivamos, ao menos, (des)estabilizá-lo, trincá-lo, rachá-lo, como propôs Albuquerque Jr.(2006) e como conseguiu fazer em partes a proposta de Vicente Amorim e David França. Análise fica evidente que o nordeste não é apenas o que foi apresentado no filme, mas que não podemos discordar das representações apresentadas nas imagens e áudios de “2000 Nordestes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 3a. ed. São Paulo\Recife: Cortez\Massangana, 2006.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929 – 1989**: A revolução Francesa da Historiografia. 2ªEd. São Paulo: UNESP, 1991.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4a Edição. Ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CAPELATO, Maria Helene. NAPOLITANO, Marcos. MORETTIN, Eduardo. SALIBA, Elias Thomé. História e Cinema. MORETTIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. São Paulo – SP: Alameda Casa Editorial, 2007.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História**: Novos Objetos. Filme: Uma contra-análise da sociedade, Marc Ferro (p.199-215). 3ª Ed. São Paulo: Francisco Alves, Editora, 1988.
- LE GOFF, Jacques. (org.) **A História Nova**. 2ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- 2000 Nordestes**. AMORIM, Vicente. FRANÇA, David. L.C. Barreto Ltda, RioFilmes - Europa. 2000, DVD, 70 min, PAL-M, som, Color.